



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de março de 2018

**Diário Catarinense e A Notícia
Economia**

“Energia solar avança em SC”

Energia solar avança em SC / Santa Catarina / Instituto Ideal / Mauro Passos / UFSC / Laboratório solar / Brasil / Engie / Weg / BRDE / Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul / Projeto Indústria Solar / Federação das Indústrias de Santa Catarina / Fiesc / Bônus Fotovoltaico / Celesc / Florianópolis / Eficiência energética / Ministério de Minas e Energia / Sistemas Fotovoltaicos / Fontes alternativas / Eduardo Pinho Moreira / ICMS / Mobilis / Carros elétricos / Geração distribuída / Associação Brasileira de Energia Solar / ABSolar

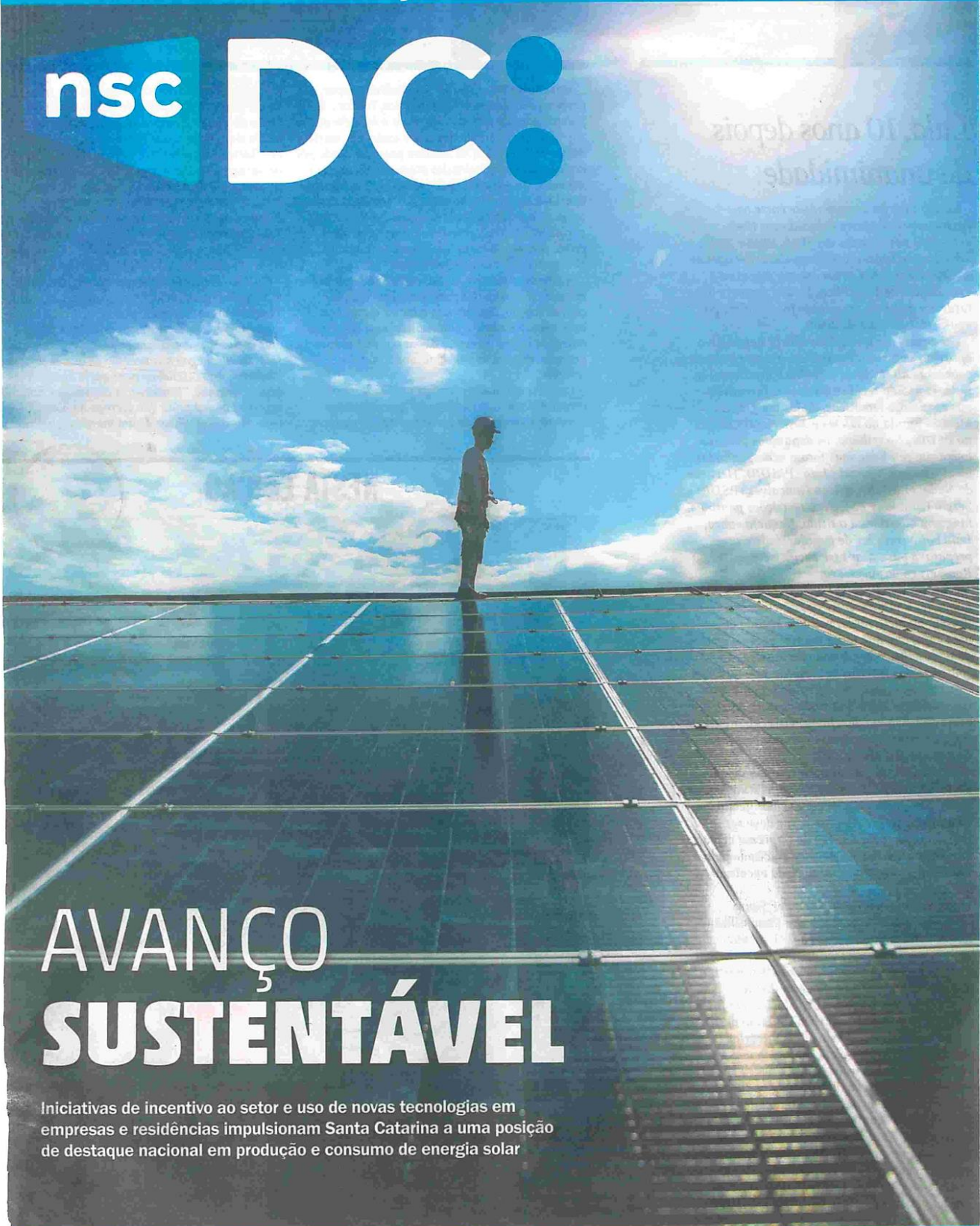
A Notícia (Contracapa)



Diário Catarinense (Capa)

SUPEREDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

nsc DC:



AVANÇO SUSTENTÁVEL

Iniciativas de incentivo ao setor e uso de novas tecnologias em empresas e residências impulsionam Santa Catarina a uma posição de destaque nacional em produção e consumo de energia solar

ECONOMIA

ENERGIA SOLAR
AVANÇA EM SC

INICIATIVAS DE FOMENTO
ao uso de tecnologias em
empresas e residências
consolidam o Estado com
o quarto lugar nacional no
número de unidades que
utilizam geração distribuída

LARISSA LINDER
larissa.linder@somosnsc.com.br

Mesmo sem estar entre os Estados mais ensolarados do país, Santa Catarina se destaca, cada vez mais, na produção e consumo de energia solar. Já é o quarto colocado em unidades de geração distribuída - casas ou empresas com alguma fonte própria de energia. Das 24,7 mil unidades do país, 24,6 mil são de fonte solar e 2,2 mil ficam em SC. É um número dinâmico, que cresce dia a dia desde 2012, quando foi feita a regulamentação do setor. O Estado só perde para Estados muito mais populosos. Em termos per capita, é o líder nacional.

Um conjunto de fatores faz o Estado sair à frente. Segundo o diretor do Instituto Ideal, organização que promove o uso de fontes limpas de energia, Mauro Passos, ao longo da última década o Estado construiu um contexto favorável que hoje começa a colher resultados.

- Fora o próprio instituto, que

tem sede aqui e já faz um trabalho há 10 anos, a UFSC é referência neste setor, com o primeiro laboratório solar do Brasil. Muitas pessoas vêm para cá conhecer essas novas tecnologias. Além disso, tem a própria Engie, que é global, mas a sede é aqui, a Weg, o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul), o Badesc (Agência de Fomento). Então, temos Estados em melhores condições de sol que nós, mas criamos esse "caldo" que faz com que a gente se destaque - explica Passos.

INCENTIVOS BENEFICIAM EMPRESAS E PESSOAS

Os programas de incentivo à aquisição de tecnologia são parte fundamental nesse contexto. E a alta procura por eles mostra que há espaço para avançar muito mais. Neste mês, o projeto Indústria Solar, da Federação das Indústrias de SC (Fiesc), em parceria com a Engie e a Weg, que oferece condições facilitadas a indústrias e pessoas físicas para adquirir sistemas de captação

“

Hoje temos todos os pré-requisitos para avançar: o custo para instalação de sistema solar caiu, e há linha de crédito.

RODRIGO KIMURA
diretor da Engie Solar

solares, atingiu a marca de 2,3 mil inscritos após quatro meses de programa. O número se igualou à quantidade de unidades consumidoras de energia solar que já existem em SC. Ou seja, quando os sistemas estiverem instalados, dobrará o número dos que usam fontes solares.

Tanto pessoas físicas quanto indústrias se beneficiaram do projeto. O grande estímulo, em especial para empresas, é reduzir o custo da energia elétrica, que em micro e pequenas indústrias representa a terceira maior despesa, conforme levantamento da Fiesc. A economia com a conta pode alcançar 90%.

Outro programa, o Bônus Fotovoltaico, da Celesc, recebeu 11 mil inscrições em uma sema-

na - a meta para Florianópolis, de 200 pedidos, foi batida em apenas sete minutos. Lançada no ano passado, a iniciativa oferecia subsídio de 60%, cerca de R\$ 6 mil, para instalação de pouco mais de mil equipamentos solares em residências.

- Por lei, as distribuidoras devem investir 0,5% da receita operacional líquida em projetos de eficiência energética, então desenhamos esse projeto, que nesse formato de bônus (subsídio) é inédito no país. Agora, vamos avaliar o programa para estudar uma segunda edição - diz o gerente do programa de eficiência energética da Celesc, Thiago Jeremias.

A Associação Catarinense de Supermercados (Acats) também aderiu à energia solar ao lançar, há um ano, seu próprio programa de incentivo em parceria com a Engie e com o BRDE, que criou linha de financiamento específica. De acordo com a Associação, a energia elétrica já representa o segundo maior custo dos supermercados, atrás apenas da folha de pagamentos.

No Brasil, a energia solar instalada é de 1 gigawatt (GW), longe dos chineses, líderes mundiais, que têm 34 GW. Mas a expectativa é de um avanço considerável nos próximos anos. O Ministério de Minas e Energia estima que em 2026 cerca de 770 mil brasileiros tenham adotado os sistemas fotovoltaicos, totalizando 3,3 GW.

- Hoje temos todos os pré-requisitos para isso: o custo (para instalação de sistema solar) caiu, e tem linha de crédito - afirma diretor da Engie Solar, Rodrigo Kimura.

Segundo o diretor do Instituto Ideal, além do consumo em residências e empresas, o avanço dos carros elétricos deverá ser um incentivo adicional para a difusão da energia solar nos próximos anos. Mais um ponto a favor para o Estado: SC já conta com uma montadora de carros elétricos, a Mobilis, de Palhoça, na Grande Florianópolis. Caso seja confirmada a vinda da britânica Velfera para Joinville, Santa Catarina terá duas montadoras no segmento.

O RANKING NACIONAL

Unidades consumidoras com geração distribuída no Brasil por Estado. Em termos per capita, SC é líder nacional.



O QUE É A GERAÇÃO DISTRIBUÍDA

É a geração de energia elétrica, em casas ou empresas, para consumo próprio. Quase sempre é de fonte solar, com painéis fotovoltaicos instalados em telhados, que captam a radiação do sol. Qualquer excedente é depositado na rede elétrica e se transforma em créditos junto à distribuidora,

com validade de até cinco anos, para abatimento na conta de luz. Esses créditos são utilizados nos momentos em que a unidade estiver consumindo mais energia do que gerando, como em dias de chuva ou à noite. A geração distribuída foi regulamentada no Brasil apenas em

2012. A legislação foi atualizada em 2016, quando houve aumento da capacidade de geração por unidade. Tem vantagem sobre a geração central porque economiza investimentos em transmissão e reduz as perdas nestes sistemas, melhorando a estabilidade do serviço de energia elétrica.

Fonte: Engie e Instituto Nacional de Eficiência Energética (INEE).

*Dados de 21/03/2018
Fonte: Aneel.



Por economia e sustentabilidade, associação da Capital investiu em cerca de 300 painéis solares

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DE OLHO EM FONTES ALTERNATIVAS

Em março, Santa Catarina deu outro passo para popularizar esse tipo de fonte energética. Atendendo a pressões dos últimos anos, o governador Eduardo Pinho Moreira autorizou a isenção de ICMS para microgeração de energia distribuída. A medida abrange, além da geração solar, a hídrica, eólica e de biomassa.

Nesse cenário, até mesmo a administração pública começa a olhar para as fontes alternativas. A prefeitura de Imbituba, no Sul do Estado, encomendou um estudo, a ser apresentado no mês que vem, para implantar um sistema de

captação solar na cidade. A intenção é utilizar a estrutura de uma escola para fazer uma usina, que geraria energia suficiente para abastecer as 24 unidades municipais de ensino. Hoje, a despesa anual com luz por unidade varia entre R\$ 120 mil e R\$ 180 mil.

Na visão do diretor da Engie Solar, Rodrigo Kimura, todas essas iniciativas consolidam Santa Catarina como precursora de ações para massificação da fonte solar.

– Diversos outros Estados estão interessados em levar esse modelo daqui para replicar – afirma Kimura.

66

Até sob o ponto de vista do consumidor individual você tem um tempo de retorno bastante atrativo. São no máximo seis anos de retorno do investimento para um equipamento que terá vida útil de 25 anos. Além disso, a energia solar traz um sentimento de que você está gerando o que você precisa, então as pessoas são simpáticas a essa fonte.

MAURO PASSOS
diretor do Instituto Ideal

CUSTO DE INSTALAÇÃO AINDA É ALTO, MAS TENDE A CAIR

Embora o custo da instalação de um sistema solar ainda não seja acessível a todos – para uma casa sai, no mínimo, R\$ 10 mil –, caiu ao longo dos anos, uma tendência mundial. O valor do equipamento fotovoltaico passou de US\$ 76 dólares por watt no mundo, em 1977, para US\$ 0,30 por watt, em 2015, conforme a Associação Brasileira de Energia Solar (ABSolar).

– Até sob o ponto de vista do consumidor individual você tem um tempo de retorno bastante atrativo. São no máximo seis anos de retorno do investimento para um equipamento com vida útil de 25 anos. Além disso, a

energia solar traz sentimento de que você gera o que precisa, então as pessoas são simpáticas a essa fonte – diz o diretor do Instituto Ideal, Mauro Passos.

Para empresas, o tempo de retorno pode ser maior. Em Florianópolis, a Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal concluiu neste mês a instalação de pouco mais de 300 painéis solares. O retorno do investimento de R\$ 375 mil deve vir em oito anos. A estimativa é que a conta de luz reduza em 40%.

– É um investimento alto, mas tem um retorno – conclui o presidente da associação, Marco Antonio Zanardi.

Diário Catarinense e A Notícia Prova Real

“Mentira e eleição sempre andaram juntas”

Mentira e eleição sempre andaram juntas / Marcelo Peregrino Ferreira / Mestrado / UFSC / Direito Constitucional / Doutorando / Reforma Política / Fake News / Universidade Federal de Santa Catarina / Internet / Redes sociais / Colômbia / Brasil

SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE MARÇO DE 2018

14



TRINGO ORLANDI



“Mentira e eleição sempre andaram juntas”

ENTREVISTA: MARCELO PEREGRINO FERREIRA

Advogado, mestre em Direito Constitucional e doutorando pela UFSC

LARISSA NEUMANN
larissa.neumann@somosnsc.com.br

Além das mudanças provocadas pela Reforma Política, que impactam no financiamento das campanhas, acesso à verbas dos fundos partidários e tempo de propaganda na televisão mediante o desempenho eleitoral, os candidatos terão mais um desafio nas eleições deste ano: as fake news. Diferentemente das novas regras trazidas pela reforma, mais direcionadas aos políticos, a propagação de informações falsas impacta também a vida de todos os eleitores. Dentro do contexto eleitoral, Marcelo Peregrino Ferreira, advogado com título de mestre em Direito Constitucional e doutorando pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), analisa os desdobramentos que as chamadas fake news podem ter nas eleições brasileiras sob a ótica de quem recentemente atuou como observador internacional nas eleições da Colômbia. Na avaliação do jurista, a internet e as redes sociais representam uma alteração profunda na política e essa discussão é importante para conscientizar não apenas os eleitores, mas a população em geral, para que se tenha prudência com a qualidade da informação consumida e compartilhada.

Leia esta entrevista na íntegra em bit.ly/marceloperegrino

O que o senhor observou em Bogotá, acompanhando as eleições na Colômbia?

As últimas eleições na Colômbia foram um momento de reconciliação nacional. Eu fui convidado pelo Conselho Nacional Eleitoral, pelo Magistrado Armando Novoa, muito em razão da credibilidade da Justiça Eleitoral catarinense. Foram as primeiras eleições após o acordo com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) para pôr fim ao conflito armado. As Farc se tornaram um partido e participaram das eleições. Senti a força da democracia colombiana e a vontade das pessoas que o acordo de paz vingasse. Havia uma certa tensão, pois há 50 anos que não se tinha uma eleição com paz e harmonia.

Houve propagação de informações falsas?

As eleições foram para o Senado e para a Câmara, mas em paralelo houve a consulta intrapartidária para escolha dos pré-candidatos a presidente da República. O candidato Petro Urrego, vencedor da pré-candidatura das esquerdas, foi alvo de uma intensa campanha difamatória, por meio de grupos de WhatsApp, numa tentativa de ligá-lo à violência do passado, mas eu não soube de qualquer medida judicial para conter essas manifestações.

Há algo implantado lá que poderia ser aplicado no Brasil?

As redes sociais apenas aumentam a velocidade e alcance das práticas que são insitas às campanhas eleitorais. Boatos, mentiras, críticas sempre existiram nas eleições. A novidade é a forma exponencial de divulgação, de modo a afetar a própria normalidade do pleito. Lembro de uma frase no livro do Fernando Neisser que vale para as eleições: “Uma grande parte da informação obtida na guerra é contraditória. Uma parte maior é falsa. E, de longe, a maior parte é duvidosa”. Um exemplo é o de Marta Suplicy na eleição municipal de 2008. Sua cam-

panha era casado e tinha filhos. Intui-se uma observação sutil sobre orientação sexual. O eleitor neste caso parece que se identificou mais com o ofendido, no chamado efeito *underdog*. O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo depois proibiu a propaganda. Veja que a campanha negativa também tem seus riscos. E não se pode esquecer da campanha 1989 em que Fernando Collor acusou Lula de ter uma filha fora do casamento e de ter realizado um aborto. Enfim, mentira e eleição sempre andaram juntas, porque é o mais perto da guerra que se chega.



“Precisamos ter muito cuidado em compartilhar material escandaloso ou explosivo para que não sejamos veículos dessas informações falsas”

Uma desembargadora divulgou informações falsas sobre a vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco. O que fazer quando as fake news partem de quem tem poder?

Os servidores públicos e agentes políticos não se despem de suas atribuições legais, de forma absoluta. Um juiz, um delegado, continuam a carregar o denodo exigido na vida pública para a vida privada. Há previsão legal para tanto e esses agentes públicos podem ser responsabilizados por condutas irregulares em suas vidas particulares também.

Recentemente o Tribunal Superior Eleitoral afirmou que combateria as fake news com apoio da imprensa. É papel da imprensa monitorar isso? O que a Justiça poderia fazer para cobrir essas ações?

Malgrado a Justiça Eleitoral tenha o dever de garantir a normalidade e legitimidade das eleições, não me parece possível um controle das redes sociais, no que diz respeito à verdade das informações. O Código Eleitoral já proibe

propaganda de guerra, de incitamento de atentado contra pessoas, calúnia, difamação e injúria, dentre outros. Na legislação eleitoral, há oito crimes só versando sobre propaganda, sem contar as limitações formais e sanções civis. Imagine se um candidato diz que fez 11 mil metros quadrados de obras. O seu adversário o representa e diz que a informação não é verdadeira. Como poderá um juiz, nos prazos da Justiça Eleitoral, determinar a verdade? Simplesmente não é possível e nem desejável essa intermediação judicial. Por outro lado, os perfis falsos, os conteúdos ilegais são praticamente impossíveis de serem evitados. Há pessoas que exploram essa atividade com robôs, com a criação de perfis falsos que são ativados durante as campanhas eleitorais. O controle de mérito é bastante problemático, porque teremos o Estado, em uma campanha eleitoral, dizendo o que é a verdade, o que não me parece adequado. Creio que há um “castrotrante paternalismo” aqui, como se o povo não soubesse discernir as notícias e precisasse de anteparo judicial. Isso mina, de certa forma, o processo de aprendizado democrático, porque se o Estado me entregará a verdade, eu não preciso pensar sobre o assunto. Há uma infantilização do eleitorado. Acredito no regime democrático e na capacidade do povo de se autodeterminar, sem que intermediários lhe digam o que é verdade.



“As campanhas eleitorais são curtíssimas e os meios de propaganda, cada vez mais reduzidos. Restringir ainda mais é sufocar a democracia.”

“Muitas vezes são os candidatos, por meio de comitês e marqueteiros, que divulgam as informações falsas sobre adversários. Seria o caso de montar uma fiscalização que foque nos candidatos, e não nos populares, que apenas replicam?” Já há legislação sobre o assun-

to. Via de regra, as concessões de serviço público, rádios e TV, pela sua natureza, sofrem mais restrições, em especial quanto à igualdade de oportunidades entre os candidatos. A palavra escrita e as redes sociais devem ser tratadas com mais liberdade. A chamada notícia negativa de algum candidato é absolutamente necessária e deve, sim, ser produzida por adversários, com respeito aos direitos de personalidade, sem ofensas. Tenho o direito de saber de todas as informações sobre os candidatos e mais ainda aquelas que somente serão veiculadas por seus adversários. Nenhum correligionário do candidato irá expor seus defeitos. A pessoa do candidato também está sob escrutínio, muito embora o debate sobre a política em si não possa ser olvidado e talvez fosse desejável sua predominância. Quem quer privacidade e sigilo, não deve ser candidato. As campanhas eleitorais são curtíssimas e os meios de propaganda, cada vez mais reduzidos. Restringir ainda mais é sufocar a democracia.

Na avaliação do senhor, as fake news podem alterar o rumo de uma eleição, como se especula que ocorreu nas eleições presidenciais dos EUA?

Creio que há, de fato, esta possibilidade. Cabe aos eleitores, a imprensa e à sociedade organizada checarem as informações e auxiliar nesse controle. Se trata de um novo risco ao regime democrático, mas que não pode autorizar o controle excessivo da liberdade de informação durante o pleito, sob pena de se desvirtuar o próprio processo eleitoral. A internet e as redes sociais representam uma alteração profunda na política. Acho que essa discussão é importante para que as pessoas tenham cuidado com a qualidade da informação que leem e, mais do que isso, que compartilham. Precisamos ter muito cuidado em compartilhar material escandaloso ou explosivo para que não sejamos veículos dessas informações falsas.

Diário Catarinense e A Notícia Caderno Nós

“Não foi só a esquerda que se degradou. O centro se degradou”

Não foi só a esquerda que se degradou. O centro se degradou / Entrevista /
Vladimir Safatle / Filósofo / Professor / USP / Palestra / UFSC

2 NÓS SÁBADO E DOMINGO,
24 E 25 DE MARÇO DE 2018



ENTREVISTA | VLADIMIR SAFATLE
Filósofo

Não foi só a esquerda que se degradou. O centro se degradou.

VERNEER AMARAL, 60, 11/12/2015, CRUZEIRO DO SUL



EMERSON GASPERIN
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

Nos artigos que escreve analisando o cenário político brasileiro, o filósofo e professor da USP Vladimir Safatle costuma mirar contra a direita. Mas a preferência por desnudar algumas práticas nada republicanas adotada pelos representantes do conservadorismo não o impede de, mesmo sendo filiado ao PSOL, refletir sobre a esquerda e seus desmandos. Pelo contrário: são as forças ditas progressistas que recebem as maiores críticas, por reproduzir – e, em muitos casos, aperfeiçoar – práticas e vícios associados à corrente oposta.

*Nascido no Chile há 44 anos, o filho de ex-guerrilheiro da Aliança Libertadora Nacional esteve em Florianópolis para a palestra “Brasil: entre o esgotamento do populismo e a reinstauração institucional”, realizada na UFSC. Na ocasião, lançou o livro *Só Mais um Esforço*, em que demonstra como o lulismo alcançou e manteve o poder por meio de uma conciliação de classes fadada a dar errado. Ele expôs um pouco do seu pensamento na entrevista a seguir, concedida após autografar a obra para os estudantes que fizeram fila para comprá-la.*

Por que a sociedade em geral, pelo menos em Santa Catarina, vem repudiando mobilizações organizadas por movimentos de esquerda, ainda que muitas das demandas reivindicadas a beneficiem?

Essas manifestações das quais você está falando são muito específicas. Ou eram em defesa do governo Dilma ou em defesa de Lula. Então elas estavam muito vinculadas à adesão a certos governos. No caso de Lula, ainda tem um agravante, que é a adesão a um ex-presidente que se fragilizou por causa de corrupção no governo dele. Existe uma repulsa explícita de parte significativa da população contra a corrupção. Essa repulsa, muitas vezes, é “estratégica”. Não é contra a corrupção, é contra a corrupção de certas pessoas. O cara é contra a corrupção no governo Lula, mas você vai ver em quem ele votou e foi em políticos corruptos notórios. Mas também não se pode ignorar que os casos de corrupção do PT são reais. Há uma parte da população que deixou de aderir por causa disso. Tem uma parcela da classe média, é verdade, que nunca engoliu o governo do PT por razões ideológicas profundas. E tem ainda uma parcela da população que se sentiu lesada no meio de todo esse processo. Acho que essa parcela fica meio sem saber como proceder.



A NOVA REPÚBLICA FOI FEITA DE CONCHAVOS, DE CORRUPÇÃO CONTÍNUA

Ela percebe que o governo atual também tem casos graves de corrupção, mas não está disposta a ir para a rua defender governos anteriores que tiveram os mesmos problemas.

Tem gente confundindo a posição contrária ao governo Temer com defesa de Lula e PT?

Sim. Essa é uma questão muito impressionante: como setores da sociedade, devido ao seu antipetismo, chegaram mesmo a admitir um governo (Temer) que não é apenas o mais impopular da história brasileira como tem um nível de corrupção explícita que também nunca existiu

igual na República. Nunca um presidente em exercício havia sido processado por corrupção, nunca um presidente havia sido flagrado por grampo telefônico fazendo prevaricação. Ou seja, diante de Temer, qualquer outro presidente aparece como um santo. Mas o antipetismo está tão arraigado que faz com que a sociedade acabe “normalizando” algo que é uma aberração internacional absoluta. Você é contra o PT, tudo bem; agora, dar sustentação, nem que seja tácita, a um governo que é a demonstração mais evidente da corrupção da classe política no Brasil?

O que o senhor quer dizer quando escreve que a polaridade acirrada deixou claro que nunca fomos um país no sentido de identificação, e sim que apenas habitamos o mesmo território?

De fato, existe essa ideia no imaginário nacional de um país unido: falamos a mesma língua, temos mais ou menos a mesma religião, nossa unidade territorial não passou por muitas modificações depois que foi construída, não existiriam grandes conflitos por aqui. Esse imaginário é completamente falso. Não existe um país no Brasil, nós não estamos de acordo sobre nada. Nem um acordo mini-



A SOCIEDADE BRASILEIRA SE ESTRUTUROU COM MEDO DE SE AUTOANALISAR, PORQUE SABE DO GRAU DE VIOLÊNCIA, AO GRAU DE INJUSTIÇA AO QUAL ESTÁ SUBMETIDA. ELA SABE QUE, SE SE AUTOANALISAR, A SUA IMAGEM DO PRESENTE FICA INSUSTENTÁVEL.

mo sobre, por exemplo, a ditadura militar. Você pode ser liberal, pode ser comunista, e admitir que algo como uma ditadura militar nunca mais pode ocorrer de novo – e que aquilo que ocorreu deve ser alvo de uma ação da Justiça. Mas nem nisso a gente consegue concordar! Então, dentro desse horizonte, não dá para falar de um país no sentido de um povo que partilha uma história. A gente não tem uma história em comum. Isso se explicitou agora. Pode ter certeza: nunca vamos encontrar uma história consensual sobre o que ocorreu de 2015 para cá.

Aí que entra a chamada guerra de narrativas?

Não é só isso. Há posições ideológicas claramente arraigadas na sociedade brasileira. A gente saiu da ditadura sem conseguir criar uma narrativa sobre ela. Não existe uma versão aceita por todos sobre o que foi a ditadura. Isso é a expressão mais grave de um país que não consegue elaborar sua história. Pegue o caso da Argentina: eles têm relatos memorialistas, uma elaboração de sua própria história enorme na literatura. O Brasil não tem. Você consegue contar a história de vários países pelo cinema. A do Brasil, não.

A que o senhor atribui isso?

Pelo modo com que a sociedade brasileira se estruturou. Ela se estruturou com medo de se autoanalisar, porque sabe do grau de violência, ao grau de injustiça ao qual está submetida. Ela sabe que, se fizer uma autoanálise, a sua imagem do presente fica insustentável. Então ela faz de tudo para não ter que se confrontar com o que tem de insuportável no seu presente.

O senhor fala também que a ebulição que há no país pelo menos desde 2013 não conseguiu convergir para um sujeito político. Como chegamos a esse ponto?

Primeiro, os atores hegemônicos da Nova República – eram eles que permitiam esse processo – foram todos se degradando. Não foi só a esquerda que se degradou. O centro se degradou. Você teve dois grandes atores políticos com capacidade de formulação: o PT e o PSDB. Os dois foram testados no governo. Os dois se degradaram, cada um à sua maneira. Então se criou um vácuo no Brasil, que faz com que haja força de revolta, mas essa força não consegue se transformar em um ator político. Porque esses atores políticos que se degradaram não deixaram outros atores aparecerem. Eles morreram – e não tem ninguém.

A esquerda vai esperar o desfecho da situação de Lula para tomar alguma decisão?

Isso é dramático. É todo um campo de debate organizado em torno do destino de uma figura.

Nesse sentido, o que representa a candidatura de Guilherme Boulos (PSOL) à Presidência?

Faz parte de um horizonte em que a esquerda brasileira vai tentar mostrar para a população que ela tem a oferecer algo diferente, algo mais do que foi oferecido até agora. Lula tem uma posição muito singular: se ele concorresse (à eleição), ele ganharia. Na maioria das pesquisas, ele aparece com quase o dobro de votos do segundo colocado. Por quê? Porque as pessoas fazem um raciocínio muito racional: “Hoje é uma catástrofe, então é preferível voltar atrás, que era melhor do que isso”. É um instinto de sobrevivência que é muito natural. “deixa eu voltar para o lugar que estava melhor”. Só que não se pode organizar um campo político a partir desse tipo de reação! Você tem que aderir acreditando que isso vai produzir um novo país, uma transformação, uma possibilidade de emancipação social real. Isso não existe mais, o vínculo da população é defensivo, é reativo.

O que significa o esgotamento do ciclo histórico que o senhor acredita estarmos vivendo?

O ciclo histórico é a Nova República, que acabou em 2013, com seus pactos, seus processos de conciliação, seus modos de governo. As manifestações daquele ano foram a ruptura.

A direita soube aproveitar melhor do que a esquerda as manifestações de 2013 ao catalisar demandas represadas da classe média?

A história é cheia desses processos. Todas as revoltas reais, quando não têm um horizonte de organização por trás, geram reações de setores que impõem sua pauta. Em 2013, houve uma revolta espontânea, real, e os atores da esquerda não souberam equalizá-la, ficaram com medo. Foi uma oportunidade perdida. Havia uma demanda muito clara por transformação, que passava pela estrutura política, pelo aprofundamento dos processos de distribuição de renda, o pessoal reclamando de falta de escola, do transporte público ruim... Só que houve uma incitação da violência por parte da polícia, que fez com que as manifestações perdessem a solidariedade do povo; um jogo da imprensa, de tentar empurrar goela abaixo a pauta da corrupção, como se fosse a única coisa em debate. Ora, naquele ano houve 2.050 greves, não tinha nada a ver com corrupção. Houve diversas manifestações a favor dos direitos homossexuais, contra o uso de animais em experiências de laboratório, a favor de mais investimentos em saúde e educação. A direita pareceu ser mais revolucionária porque assumiu o discurso anti-institucional que a esquerda não teve coragem de assumir. Veja o (deputado estadual Jair) Bolsonaro (PSC-RJ), ele chega e diz que é contra tudo o que está aí, que vai romper com tudo.

Para o senhor, no governo do ex-presidente Lula houve mais capitalização dos pobres do que combate à desigualdade. Qual a diferença?

Combate à desigualdade é um processo no qual se reduz a diferença capitalizando os pobres e diminuindo o rendimento dos ricos. Os ganhos dos ricos têm que cair porque senão vai acontecer o que aconteceu no Brasil: continua uma concentração de renda muito forte. Então não é só capitalizar os pobres. Você tem que, de fato, fazer os ricos ganharem menos. Ser rico no Brasil é a melhor coisa que existe no mundo: você não paga nada de imposto e seus rendimentos são completamente blindados.

A que o senhor atribui o fato de, em 15 anos de governo, o PT não ter sido capaz de acabar com essa lógica da acumulação?

Há uma política conciliatória equivocada, que não percebeu que a função de um governo de esquerda é criar um processo de combate à desigualdade. Não é possível combater a desigualdade em um país onde as seis maiores fortunas equivalem ao rendimento de 50% da população. É uma coisa indescritível, obscena, e a gente perdeu completamente a sensibilidade para isso.

O que levou um governo de esquerda a apostar no crescimento de empresas para competir no mercado global, como a JBS?

Foi uma lógica desenvolvimentista completamente distorcida: a ideia de que esse era o problema do capitalismo brasileiro, de que era necessário entrar na globalização de uma maneira mais ativa. Mas você não podia transformar o Estado brasileiro em sócio de monopólio. Ao fazer isso, o governo simplesmente referendou uma posição que o Estado brasileiro sempre teve: ser babá da burguesia nacional. De uma burguesia que, diga-se de passagem, não tem capacidade nenhuma para se submeter a uma concorrência de verdade. A burguesia nacional não perde nunca, ela sobrevive de compras do governo. Isso demonstra claramente o que é capitalismo brasileiro: um capitalismo de compadrio, que tenta conservar uma burguesia ineficiente, incompetente, incapaz, que quebraria se estivesse em qualquer situação de concorrência real. Ela só sobrevive por monopólio.

O senhor acredita mesmo que o Rio de Janeiro é um laboratório para o Brasil, como disse o interventor federal na Segurança Pública daquele Estado, o general do Exército Walter Souza Braga Netto?

Sim. É um laboratório da presença das Forças Armadas no interior da vida social. É o que sai da cabeça do chefe do Gabinete de Segurança Institucional do governo federal, o general (Sérgio) Etchegoyen, que é filho e neto de torturadores, o tipo de sujeito que nunca deveria estar em nenhum cargo público do país porque representa o que as Forças Armadas têm de pior. Não, essa é a visão do cara que quer defender o auxílio-moradia. O que existe é um país de extrema violência, do Estado contra a sociedade civil. A sociedade não tem mais nenhuma garantia de que o Estado não vai agir de maneira violenta contra ela. Em uma situação como essa, se você for fazer manifestação, dependendo de qual for o seu lado, a polícia vai aparecer, vai arrebentar, vai jogar bomba – e não vai acontecer nada, você ainda vai ser tratado como bandido. As pessoas não saem às ruas porque estão desmobilizadas, e sim porque estão com medo.

Somos um povo democrata?

A experiência de democracia no Brasil é frágil, falsa e parcial. Antes de falar que não quer democracia, o sujeito tem que entender: o que ele viu de democracia? O parâmetro é a Nova República, feita de conchavo, de corrupção contínua. Então, nunca houve uma experiência de democracia efetiva nos últimos anos.

Teremos eleições em outubro?

Podem ter formalmente, mas não haverá eleição como um espaço de confrontação, onde todos os atores significativos da política nacional podem lutar pela conquista do eleitorado. Tem um candidato que está liderando as pesquisas e será preso, tem um processo de uso da máquina que é evidente, tem uma bruta presença do poder financeiro, tem um tempo mínimo para debate. E digo mais: se houver no horizonte a chance de o governo, ou aqueles que o rodeiam, perderem, a gente vai ter mais intervenção.

As eleições de outubro terão o poder de apaziguar esse clima belicoso que permeia o debate político no Brasil?

Não, vai ser uma eleição farfesa – e a população vai perceber.

O senhor é otimista?

O Brasil sempre superou seus problemas e sempre mostrou muita capacidade de criação e de abertura de novos horizontes. Só que, para acontecer isso, é preciso primeiro saber a extensão do problema. Acho que isso é o que está em questão hoje: saber a extensão do problema.

Notícias do Dia Saúde

“Para reduzir estresse e ansiedade”

Para reduzir estresse e ansiedade / Saúde / Projeto Amanhecer / HU / Terapias alternativas / SUS / Ministério da Saúde / OMS / Organização Mundial da saúde / Beatriz Capella / Hospital Universitário / UFSC / Naturologia / Marilda Nair Nascimento

16/17.Saúde NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE MARÇO DE 2018

Para reduzir estresse e ansiedade

Terapias oferecidas gratuitamente pelo SUS complementam os tratamentos da medicina tradicional

ALINE TORRES
Especial para o Notícias do Dia

No dia 12 de março, o SUS anunciou dez novas terapias alternativas no leque de tratamentos de saúde. Essa busca pela complementariedade à medicina tradicional nas unidades públicas começou em 2006. No total fazem parte da cartilha 29 terapias. Práticas como reiki, aromaterapia e constelação familiar são recomendações oficiais do Ministério da Saúde. Em Florianópolis, é possível encontrar gratuitamente quase todas estas terapias. Os postos de saúde, em média, têm feito mais 12 mil atendimentos por ano.

O objetivo é reduzir sintomas como estresse e ansiedade. Preocupação coerente, os brasileiros estão no topo da cadeia dos ansiolíticos. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), 9,3% da população sofre com algum tipo de transtorno de ansiedade. A taxa é três vezes superior à média mundial. No caso da depressão, o Brasil ocupa a quarta posição do ranking. Cerca de 11,5 milhões de brasileiros convivem com a doença.

Não foi à toa que os transtornos emocionais motivaram políticas públicas. O Brasil vive a escalada destas doenças. Em 20 anos, o número de casos aumentou em quase 50%. Para especialistas da OMS, a explicação é a condenação de fatores, como desigualdade social, desemprego e estilo de vida. Excesso de trabalho, tarefas e muito tempo nas redes sociais são alguns exemplos.

Para suportar as dores da vida, a fórmula mais convencional é se dopar. Somente em 2010, de acordo com o último boletim do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), foram consumidas 10,59 milhões de unidades de Rivotril e 4,4 milhões de unidades de Lexotan, os dois ansiolíticos mais vendidos no país.

Entretanto, nos últimos anos, diversas pesquisas analisaram a eficácia ou o benefício dos ansiolíticos e antidepressivos no combate aos sintomas leves ou moderados de transtornos emocionais – quanto aos severos não há dúvidas. As conclusões foram similares entre todos eles: se não estiver acompanhada de terapias complementares, a eficácia é falha. ●

Projeto Amanhecer, no HU, oferece uma série de práticas terapêuticas



DANIEL QUEROZINHO

NOS POSTOS DE SAÚDE

Terapias oferecidas em Florianópolis

ACUPUNTURA

■ Abraão, Agronômica, Armação, Balneário, Cachoeira Bom Jesus, Canasvieiras, Carianos, Coloninha, Coqueiros, Córrego Grande, Costeira do Pirajubá, Estreito, Fazenda do Rio Tavares, Ingleses, Itacorubi, Jardim Atlântico, João Paulo, Jurerê, Lagoa da Conceição, Monte Cristo, Novo Continente, Pântano do Sul, Ponta das Canas, Rio Tavares, Rio Vermelho, Saco dos Limões, Saco Grande, Santinho e Trindade.

HOMEOPATIA

■ Abraão, Armação, Balneário, Coqueiros, Estreito, Ingleses, Itacorubi, João Paulo, Lagoa da Conceição, Morro das Pedras, Rio Tavares, Saco Dos Limões, Saco Grande, Santinho e Trindade.

FITOTERAPIA

■ Armação, Carianos, Córrego Grande, Lagoa da Conceição.

Morro das Pedras, Pântano do Sul, Rio Tavares, Saco Grande, Prainha e Trindade.

MEDICINA ANTROPOSÓFICA

■ Lagoa da Conceição, Rio Tavares e Tapera.

MEDICINA AYURVÉDICA

■ Balneário, Lagoa da Conceição, Estreito, Ingleses, João Paulo, Jurerê, Monte Cristo, Pântano do Sul, Ponta das Canas, Prainha, Saco Grande e Tapera.

REIKI

■ Centro, Jardim Atlântico, Monte Cristo e Ponta das Canas.

MASSOTERAPIA

■ Costeira do Pirajubá, Estreito, Ingleses, Itacorubi, João Paulo e Saco dos Limões.

AURICULOTERAPIA

■ Abraão, Agronômica.

Armação, Balneário, Cachoeira Bom Jesus, Canasvieiras, Carianos, Coloninha, Coqueiros, Córrego Grande, Costeira do Pirajubá, Estreito, Fazenda do Rio Tavares, Ingleses, Itacorubi, Jardim Atlântico, João Paulo, Jurerê, Lagoa da Conceição, Monte Cristo, Novo Continente, Pântano Do Sul, Ponta Das Canas, Rio Tavares, Rio Vermelho, Saco Dos Limões, Saco Grande, Santinho, Trindade, Barra da Lagoa, Campeche, Capoeiras, Costa da Lagoa, Monte Serrat, Morro das Pedras, Pantanal, Rationes, Santo Antônio de Lisboa, Sape e Vargem Pequena.

SESSÃO ELETROESTIMULAÇÃO

■ Coqueiros

DIETOTERAPIA CHINESA

■ Costeira do Pirajubá

DANIEL QUEROZINHO



Márcia, terapeuta holística, é voluntária do projeto Amanhecer

PROJETO AMANHECER

■ As inscrições são anunciadas no site a cada bimestre no site www.hu.ufsc.br/setores/projeto-amanhecer. As próximas serão feitas presencialmente nos dias 15 e 16 de maio no HU. São distribuídas 150 senhas. E elas são disputadas, então, é preciso chegar cedo. Mais informações 3721-8055.

TERAPIAS SEM INSCRIÇÃO

■ As quartas-feiras são ofertadas duas terapias em grupo: reiki e apometria quântica. Não são feitas inscrições, as vagas são por ordem de chegada.

REIKI

■ É uma arte de cura pelas mãos que atua nas dimensões física, emocional, espiritual e mental. A técnica foi criada em 1922 pelo monge budista, Mikao Usui. São distribuídas

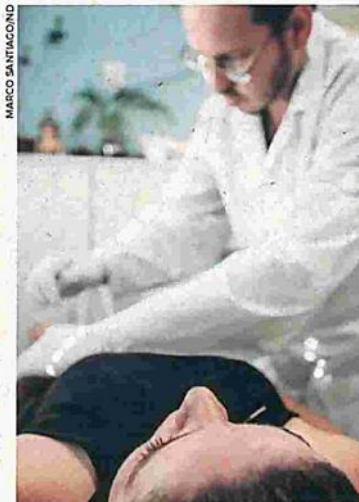
36 vagas nas manhãs de quarta-feira. As sessões começam às 9h, 9h50 e 11h.

APOMETRIA

■ A apometria trabalha a limpeza dos campos energéticos. A técnica foi criada pelo médico gaúcho José Lacerda de Azevedo na década de 1980. São distribuídas 60 vagas nas tardes de quarta-feira. As sessões começam às 14h, 14h30, 15h, 15h45, 16h15.



Carlos vai ao posto de saúde coletar mudas na horta medicinal



Acupuntura nos posto de saúde da Prainha

“**Os resultados são incríveis. Reduzimos o uso crônico de medicamentos, como ansiolíticos, antidepressivos e anti-inflamatórios. Alguns pacientes chegam travados, não conseguem nem caminhar, e saem daqui bem. Parece milagre”.**

Igor Tavares Chaves, médico do posto de saúde da Prainha

Amanhecer, um projeto pioneiro

Beatriz Capella era a diretora de enfermagem da emergência do HU (Hospital Universitário da UFSC), em 1996. Ano em que procurou ajuda dos alunos de naturologia para tratar o alto índice de estresse, ansiedade e cansaço entre seus colegas de trabalho. Foi criado o projeto “Cuidado de quem cuida”. Ela se aposentou quatro anos depois, mas os benefícios das terapias integrativas para tratar os funcionários do hospital e, conseqüentemente, a melhora no atendimento aos pacientes, chamou atenção da chefia.

O projeto foi acolhido pelo Departamento Pessoal do HU e recebeu o nome de Amanhecer. De lá para cá, houve muitas mudanças. Em 2004, foi aberto para os alunos da UFSC e em 2012 à comunidade. E em 2017, tornou-se um núcleo do hospital. Pioneiro no Brasil, o Amanhecer virou referência para as unidades de saúde públicas que estão implantando terapias complementares à medicina tradicional.

Marilda Nair Nascimento, 55 anos, está há oito anos à frente do projeto. Ela explica que há três tipos de práticas: energética, corporal e consciencial. São práticas como mindfulness, hatha yoga, arte-terapia, tai chi chuan, atenção plena e dança circular. A lista é longa.

Marilda é a única funcionária do projeto e faz milagres para dar conta de tantas agendas. Há 120 terapeutas voluntários engajados no Amanhecer. Juntos, eles realizam cerca de 7.000 atendimentos por ano.

Márcia Cristina da Silva Oliveira, 49 anos, é voluntária há três anos. Terapeuta holística, uma vez por semana doa seu tempo para o próximo. “As pessoas chegam aqui em estado suicida e depois dos atendimentos conseguem resgatar suas vidas, voltar a trabalhar, a viver. É muito especial”.

Como o preconceito está constantemente à espreita, ela faz questão de enfatizar que o projeto é laico. A crença fundamental é no ser humano.

Chazinho para acalmar o coração

A mãe de Carlos Henrique Bitencourt, 57 anos, nunca o medicou com remédios alopáticos. “Ela teve 22 filhos, conhecia as plantas e nos tratava com elas. Era erva pra matar lombriga, curar ferida, chazinho para acalmar o coração”, conta.

Recém-aposentado, ele resgata os saberes maternos com a ajuda dos médicos do posto de saúde da Prainha. “Venho aqui buscar mudinhas, conversar sobre as ervas. Moro numa casa no Morro do Mocotó, lá tem uma terra preta abençoada onde tudo que se planta dá”, afirma.

Daniela Pozzebon Caurio, 39, coordenadora do posto de

saúde, conta que um ano e meio antes a horta medicinal era chão de brita. Médicos, enfermeiras e pessoas da comunidade ajudaram a plantar as ervas: malva, cavallinha, boldo, camomila, rosa verde, manjerição e alecrim.

Além de fitoterápicos, a unidade de saúde oferece acupuntura. O médico Igor Tavares Chaves, 38, explica que as maiores procurações são para tratar dores crônicas e ansiedade. “Os resultados são incríveis. Reduzimos o uso crônico de medicamentos, como ansiolíticos, antidepressivos e anti-inflamatórios. Alguns pacientes chegam travados, não conseguem nem caminhar, e saem daqui bem. Parece milagre”, diz.



250m da praia

LAS PIEDRAS
HOME RESORT

PRAIA MORRO
DAS PEDRAS

Qualidade de vida dentro e fora do condomínio

Casas de 2 e 3 dorms com suite e pátio no primeiro e mais completo condomínio fechado do sul da ilha.

Financiamento

Brasilimo

Registro de Incorporação no Estado de SC nº 127.725, de 11/05/2014, do 2º REGISTRO de Imóveis do Estado de Santa Catarina. O presente anúncio constitui o 1º lote de venda de unidades. Para mais informações, consulte o site ou ligue para o telefone 48 3334.3338.

48 3334.3338 48 99148.3338
laspiedrasfloripa.com.br

VISITE O PLANTÃO DE VENDAS
R. Sagrado Coração de Jesus, 1085 | Morro das Pedras
Florianópolis | Acesso direto pela SC-406

Diário Catarinense e A Notícia
Conexão Econômica
"Capital referência"

Capital referência / Florianópolis / Tecnologia / Inovação / UFSC

CAPITAL REFERÊNCIA
FLORIANÓPOLIS, CIDADE QUE FESTEJOU 345 ANOS NESTA SEXTA-FEIRA, VIVE UM DOS MELHORES MOMENTOS COMO PROTAGONISTA NA ÁREA ECONÔMICA, INSPIRANDO O ESTADO, O BRASIL E OUTROS PAÍSES COM O DESENVOLVIMENTO DO SEU ECOSISTEMA DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. TUDO COMEÇOU HÁ POUCO MAIS DE 30 ANOS, GRAÇAS À QUALIDADE DOS CURSOS DE TECNOLOGIA DA UFSC. A INAUGURAÇÃO DA FILIAL DA ACATE E DA ACIF EM BOSTON, EUA, NA QUARTA-FEIRA, É UM MARCO DESSA NOVA FASE E VAI GERAR MAIS NEGÓCIOS.

Diário Catarinense e A Notícia
De Hora a Hora
"Concurso no HU"

Concurso no HU / Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares / Ebserh

CONCURSO NO HU
A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) lançou edital para preencher 1.196 vagas e criar cadastro de reserva em 35 hospitais universitários federais no Brasil. Para o HU, em Florianópolis, são 71 vagas em duas funções: uma para médico especialista e as outras 70 para técnicos em enfermagem.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

24/03/2018

Energia solar avança em Santa Catarina

"O Estado brasileiro sempre foi babá da burguesia", diz filósofo
Vladimir Safatle

O guarda da esquina como ameaça. Outra vez

25/03/2018

Vestibular Udesc: Isenção da inscrição para doador de sangue e
medula termina nesta segunda

Projeto busca redução de emissões por resíduos urbanos

Chapecó enfrenta chuva e violência para fazer ato histórico em
defesa da democracia

Médico veterinário